

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

E. B. Raymond (2006). “A Quarta Bucólica de Virgílio”. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura** 7 pg. 78-82.

M. L. M. Ribeiro (2006). **A Poesia Pastoral: as Bucólicas de Virgílio**. São Paulo: Universidade de São Paulo. (dissert. policop)



RITUAIS FÚNEBRES NA ROMA DE AUGUSTO E UMA PERSPECTIVA FRUSTRANTE NA ENEIDA

Alex Viana Pereira [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: *O presente trabalho pretende compreender e destacar a importância dos rituais fúnebres para o povo romano, identificando como esse processo se dava naquela época, a partir de alguns dos fatos ocorridos dentro da obra Eneida de Virgílio, ressaltando a ida do herói Enéias ao mundo dos mortos em busca de seu pai Anquises e corroborando também sobre as frustrações de Virgílio perante a sua obra e, por fim, pretende-se também evidenciar as frustrações do Herói Enéias em seu caminho que é destinado pelos deuses, tendo que levar o fardo de garantir o futuro do seu povo e de um império que nem chegaria a conhecer.*

Palavras-chave: Frustração, Enéias, Anquises, Morte e Ritos fúnebres.

A frustração na Eneida é algo visível, pois é uma característica encontrada desde seu autor ao herói da obra. Nessa perspectiva, é notável que Virgílio fosse um escritor frustrado e sua maior frustração era a Eneida, por conter muitas falhas, como nos diz Virgínia (1992) que uma obra que Virgílio planeava-meio Odisseia, meio Iliádica, definição também dada por Otis (*apud* Grizoste 2015) sobre sua composição como uma Odisséia-Iliádica romana, a Eneida não deixava de apresentar problemas de coerência interna, por ser natural que numa ou noutra destas componentes o poeta se sentisse menos empenhado. É perceptível a frustração do poeta a respeito de sua obra, querendo até pôr fim na mesma, já que a epopéia não estava correspondendo suas expectativas.

Segundo Pereira (1992, p.78) *o poeta parece ter tido aguda consciência, no limiar do além, da imperfeição que fatalmente atinge a obra*

humana, sentia talvez a frustração de deixar um poema inacabado: um poema que era o negativo de uma epopéia, por esse motivo diz também Virgínia (1992) que o poeta queria deixar ao seu povo uma mensagem de paz, de esperança numa nova sociedade, mas Virgílio deixava uma obra estranha, percorrida de ambiguidade, em que vencedores e vencidos surgiam irrmados pelo sofrimento, em que os próprios deuses se vergaram ao peso da frustração. Dessa maneira o poeta se sentia frustrado, nem mesmo elogios vindo do próprio Augusto o causava empolgação.

A obra, como dito, é cercada por ambiguidade, ambiguidades estas que pairam sobre profecias e augúrios, ronda a interpretação de certos fatos (papel de Helena na ruína de Tróia, morte de Palinuro), daí abre caminho à inquietude e à frustração na Eneida. Enéias é um herói frustrado por muitos eventos ocorridos na obra, primeiro a estruição de sua cidade, depois o desaparecimento de sua amada, em seguida a morte de seu pai, o suicídio de Dido, dentre tantos outros fatos ocorridos que causam uma grande frustração em Enéias, e se ainda não bastasse, levava o fardo de garantir o futuro de seu povo e um império que nem chegaria ver. Diante de tantos exemplos, um dos fatos importantes nesse caminho de frustração do herói é sua ida ao mundo dos mortos para encontrar seu pai Anquises e lá teria outras frustrações ao se deparar, por exemplo, com o sofrimento de seu piloto Palinuro.

Assim, o mundo dos mortos é visto na Eneida como um lugar onde se podem encontrar respostas para o futuro, um lugar que recebe uma grande importância na obra de Virgílio. Nesse aspecto percebemos a importância dos ritos na antiguidade romana a respeito da morte, conforme Mota (2011, p.1) *os ritos fúnebres apareciam como um momento privilegiado no qual a família e a própria cidade ostentavam sua glória, riqueza ou, num sentido inverso, exprimiam sua inquietação e fragilidade*, é o que se percebe com a importância dada as cerimônias e jogos fúnebres na antiga Roma.

Ao analisar a Eneida, notou-se a importância da morte e a valorização dos rituais fúnebres para o povo Romano. Verificou-se isso no momento em que Enéias vai em busca de seu pai no mundo dos mortos, abrindo ao leitor uma vasta opção imaginária, despertando um sentimento catártico, pois além do sobrenatural presente, pode-se sentir uma tensão durante o caminho percorrido

até o mundo dos mortos. Percebe-se algo concreto, como se o mundo dos mortos fosse um lugar realmente localizado em alguma parte da terra, mas precisamente embaixo dela, cheio de lagos, cavernas e obstáculos. Mota (2001) verifica que na Eneida de Virgílio, assim como na Odisséia de Homero, o mundo dos mortos possuía uma localização precisa no espaço poético e seu acesso devia ser consentido pelas divindades que o guardavam.

O inferno ou Campos Elíseos ou até mesmo mundo dos mortos, é descrito com características geográficas e repleto de simbolismos, permitindo a entrada de Enéias no campo religioso, como verificou La Fico Guzzo (*apud* Mota 2010, p.443) que *o espaço representado por Virgílio no livro VI possui conotações marcadamente simbólicas, abre-se a uma multiplicidade inesgotável de leituras interpretações*, permitindo, assim, o que afirma Mota (2010), que essa espacialidade se desdobra para comportar outras dimensões como a religiosa, filosófica, histórica e moral.

O mundo dos mortos é visto como um lugar em que os vivos vão em busca de respostas para o futuro, é o que se pode notar no encontro de Enéias e seu pai, que segundo Mota (2010), ali Enéias ouve do pai segredos de ordem cósmica e revelações sobre o futuro de Roma. Vale ressaltar que, para o falecido, ter um bom lugar no mundo dos mortos, como Anquises, que se encontrava nos Campos Elíseos, lugar este descrito na Eneida como um lugar cheio de alegria, que os heróis eram honrados como mereciam. Este espaço é descrito como dotado de éter puro, diferente da descrição a respeito do *infernus* que era visto como um lugar de tormento, sem luz e guardado por várias criaturas demoníacas.

Para que a alma do falecido não viesse a sofrer, era preciso que o corpo do mesmo fosse sepultado de forma correta e, assim encontrar paz e felicidade, como diz Mota (2001) que deixar o corpo insepulto podia resultar em consequências nefastas para a alma do falecido. É o que se pode notar quando Enéias está adentrando ao mundo dos mortos e encontra o piloto Palinuro, que roga a ele que providencie um bom sepultamento ao seu corpo, pois sua alma está sofrendo aflições por ter sido sepultado de forma incorreta quando foi morto por selvagens na praia de Lucania. Nessa perspectiva, observa-se a importância dos ritos para a alma dos mortos.

Os ritos fúnebres na Roma de Augusto também eram vistos como um bom momento para demonstração de poder, riqueza e prestígio para as famílias, pois eram cerimônias bem preparadas que poderiam durar de três a sete dias. Geralmente esses momentos eram festejados com música, comida, jogos fúnebres e vários outros eventos, pois era o momento de despedida do falecido desse mundo, para o *pós mortém*. A religião era algo que também influenciava em grande parte todo esse tipo de rito, dessa forma acreditava-se que para o morto ter uma “vida” gloriosa após a morte, tinha que passar por todo esse processo. É importante destacar também que os mortos na antiga Roma geralmente eram queimados, pois o ato de enterrar corpos surgiria apenas tempos depois com o cristianismo.

Seguindo a ideia de religiosidade a descida de Enéias ao mundo dos mortos, segundo La Fico Guzzo *apud* Mota (2001, p.3) *o livro VI descreve a penetração do herói num campo religioso, completamente isolado da realidade profana, seu acesso, assim como num templo ou santuário, exige purificação e expiação*, dessa forma vemos que adentrar a esse lugar sagrado não era tão simples, Enéias precisava passar pelos rituais de purificação e ter a permissão dos deuses para a realização de tal fato.

Para Enéias adentrar ao mundo dos mortos, ele teria que passar por uma consulta à Sibila, uma sacerdotisa em transe hipnótico que interpretava os oráculos de Apolo. Sibila orienta seu acesso ao mundo dos mortos, pois para se chegar ao Orco era necessário o consentimento dos deuses.

Assim, conclui-se então que a Eneida possui muitos momentos frustrantes, tanto para o poeta quanto para o herói. Em uma abordagem sobre as mortes na Eneida, ritos e a ida de Enéias ao mundo dos mortos para encontrar seu pai Anquises, foi observada a importância dada a essas questões na antiga Roma. Em síntese, discorreu-se como isso ocorria e de que forma se aplicava na antiga Roma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autor Clássico

O. Mendes (2008). **Virgílio. Eneida Brasileira**. Bilingue. Campinas: Unicamp.

Autores Modernos

- W. F. Grizoste (2015). **Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada Brasileira. Uma Eneida Brasileira?** Saarbrücken: Nova Edições Acadêmicas.
- T. E. A. Mota (2011). “Ritos de Morte e Celebração Heróica na Roma de Virgílio: Os Funerais de Palante e a Memória de Anquises”. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo.
- (2011). “A Resignificação da Morte Heroica na Eneida de Virgílio: Ritos Funerários e Representações do Mundo dos Mortos” **Anais/Resumos da 63ª Reunião Anual da SBPC**. Goiânia.
- (2010). “Heróis, Insepultos e Renegados: A catabases de Enéias e as Figurações do Hades na Epopeia Virgílica”. **Anais I Congresso Int. de Religião, Mito e Magia**. Rio de Janeiro
- V. S. Pereira (1992). “Sementes de Frustração na Eneida” in W. Medeiros; C. A. André; V. S. Pereira. **A Eneida em contraluz**. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos.



ANÁLISE DO MITO ATRAVÉS DA VISÃO POÉTICA DE ARISTÓTELES EM AS TROIANAS DE SÊNECA

Wesley dias Cerdeira [UFAM]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: *Este trabalho é uma análise da obra As Troianas do poeta e filósofo romano Sêneca e tem o objetivo de identificar o mito em suas duas formas na visão poética de Aristóteles descrevendo as relações entre o ficcional e o histórico. Trabalhando essas duas temáticas, pretende-se mostrar a estética senequiana na construção de sua tragédia e a história lendária de Tróia como matéria poética.*

Palavras-chave: Troianas; Mito; Aristóteles; estética senequiana

INTRODUÇÃO

A peça *As Troianas* de Sêneca vem retratar os acontecimentos após a queda de Tróia, onde a mulher, filhas e noras de Príamo, rei troiano, tem seus destinos traçados em um sorteio para os vitoriosos reis gregos. Sendo uma tragédia, vem imitar ações de homens superiores, neste caso dos membros da realeza grega, tendo como cenário as ruínas de Tróia. Se destaca em relação a outras obras de